O RENASCER VIANENSE

Órgão de Divulgação da Academia Vianense de Letras — Ano V Nº 13 Viana-MA, Agosto de 2006

Editorial

APELOS E ALERTAS

Trataremos, neste editorial, de três importantes assuntos sobre os quais pedimos a atenção do leitor.

Nosso jornal, nesta edição, sem ter recebido qualquer ajuda extra (nem o comércio da cidade se sensibiliza para fazer propaganda) circulará, excepcionalmente, com oito páginas. Em resposta ao nosso protesto de lamentação sobre o silêncio dos leitores, recebemos três correspondências e manifestações de solidariedade de algumas pessoas interessadas. Continuamos acreditando na germinação de nossas idéias.

O ano de 2007 será uma data memorável para o município de Viana, que completará seus 250 anos de criação. Precisamente em 8 de julho de 1.757 foi criada a Vila de Viana, uma das mais antigas do Maranhão.

Para comemorar essa importante data não se deve improvisar solenidades e eventos, mas planejá-los com a devida antecedência, lembrando que a data não se deve concentrar no dia 8 nem no mês de julho, mas no decorrer de todo o ano de 2007.

Já era tempo dos poderes públicos e das associações de classes terem constituído comissões para planejamento antecipado das atividades comemorativas. A Academia Vianense de Letras se oferece para ajudar qualquer iniciativa nesse sentido. Professores, alunos, escolas, agremiações, todos devem se empenhar no planejamento desse aniversário, dessa data histórica.

O terceiro tópico, é lembrar que a Igreja da Matriz continua esperando a reforma de que necessita com urgência. A comunidade católica vianense recebeu com tibieza a conclamação para ajudar na arrecadação de fundos, talvez até por falta de liderança. Será que mudou a fé dos vianenses ou mudaram os carismas? Quando Monsenhor Arouche deu o brado de que precisava de ajuda para a reforma da Matriz e construção do palácio episcopal todos atenderem seu apelo. A igreja ganhou sua torre e o palácio foi construído para abrigar a residência do senhor bispo. A Senhora da Conceição do Maracu já foi tão próspera que até o luxo de uma fazenda de gado possuía. E agora, sem gado, sem povo, o que fazer? O que está acontecendo? Alguma coisa precisa ser feita. O progresso desta cidade estará alterando tanto assim a mentalidade do cidadão vianense? Tudo indica que esperar por ajuda externa oriunda dos governos estadual ou federal será inútil. Ou nos dispomos a arregaçar as mangas e cuidar do que é nosso, ou a Matriz sucumbirá.

Sem preservação da memória e dos símbolos da cidade e sem o cultivo dos nossos valores não contribuiremos para engrandecer esta terra de história tão rica e tão dignificante.

CASA DE DANIEL GOMES

LUIZ ALEXANDRE

Localizada na esquina mais importante do centro histórico de Viana, o famoso "Canto Grande", esta casa abrigou o comércio de tecidos e serviu de residência para o Sr. Daniel Gomes e família, até o final da década de 60. Bem antes, esta mesma casa havia sediado a filial vianense das "Casas Pernambucanas", depois que a afamada loja mudou-se do prédio da atual Farmácia Serejo.

De estilo tipicamente colonial, além do amplo salão da loja (com portas que se abrem para as duas ruas), a casa possui varanda espaçosa, quartos amplos, despensa, cozinha e um imponente poço no quintal. Dois pequenos corredores, divididos por uma cancela (como era comum nas residências antigas), dão acesso ao interior da casa, pela Rua Cônego Hemetério.

No início dos anos 90, deteriorado pelo tempo, o prédio apresentava sinais visíveis de abandono, levando a crer que seria mais um imóvel, como tantos outros em Viana, condenado ao desmoronamento próximo pelo fragrante descaso de seus proprietários.

Felizmente um dos herdeiros, José Ribamar Gomes (mais conhecido por Zé Embala) teve sensibilidade suficiente para evitar que o prédio se transformasse em ruínas, tornando-se o primeiro vianense a dar tal exemplo na cidade. Sozinho, assumiu o trabalho e as despesas de restauração desta casa que, além de guardar suas memórias particulares de infância, guarda igualmente um capítulo importante da memória coletiva vianense.

Na época, o Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico de Viana endereçou uma correspondência especial ao Sr. José Ribamar Gomes, na qual elogiava sua feliz iniciativa e importante contribuição para a preservação do patrimônio local.

Canto Grande nos meados dos anos 30: ponto de maior movimento comercial da cidade. À esquerda, a casa do Sr. Daniel Gomes, quando abrigava as Lojas Pernambucanas. À direita, a casa de comércio do Sr. Levi Coelho, hoje totalmente em ruínas.

IGREJA MATRIZ

Com o telhado e forro comprometidos, rachaduras nas paredes da sacristia e pisos superiores que conduzem à torre ameaçados de desabamento, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (foto) necessita de urgente restauração.

PÁGINAS 4 E 5

MONSENHOR AROUCHE

Na comemoração do centenário de nascimento do Padre Manoel Nunes Arouche (foto), os acadêmicos Heitor Piedade Júnior, João Mendonça Cordeiro e Padre Eider Furtado da Silva dão seus depoimentos sobre a figura do religioso que mudou a história do catolicismo vianense.

PÁGINA 6

CARTAS RECEBIDAS

Sr. Presidente da AVL,

Afastada de Viana, onde vivi grande parte da minha infância e adolescência, e da Estrada de Rafael, onde nasci, me surpreendi com o significativo número de homens e mulheres que, inteligentemente, ao longo dos anos, têm representado os valores culturais de nossa terra.

Louvo o momento de fundação da Academia Vianense de Letras, pois através de um sério trabalho de pesquisa, esta entidade vem resgatando paulatinamente a história de Viana e de seus principais autores. "O Renascer Vianense" reivindica direitos e informa sobre fatos e homens que marcaram a história dessa terra abençoada – "Viana, torrão gentil".

Recentemente tive a oportunidade de ler o livro "Casa de Seu Gegê", de Heitor Piedade Júnior. Pude, então, conhecer um pouco sobre Seu Gegê e ao mesmo tempo viajar pela história de nossa Viana dos meados do século XX.

A Academia Vianense de Letras tem apenas quatro anos de existência, mas já mostrou para o que veio – desenvolver a cultura contemporânea através da literatura, nos seus diversos gêneros; permitir que jovens tenham acesso à língua culta e resgatar o passado dessa cidade e torná-lo instrumento de conhecimento no presente.

Só lamento que na minha época de estudante, em Viana, não me foi dada a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos sobre sua história, mas fico feliz por saber que agora as crianças, os jovens e toda a população podem ter acesso a esse conhecimento.

É certo que, para isso, os governantes e os demais meios de comunicação de Viana precisam ter o discernimento e a vontade política, para cooperar nesse trabalho importantíssimo de tornar acessível, a todos, esse conhecimento indispensável à identidade de seu povo, cuja história ele mesmo (o povo) protagoniza.

Enoi Celeste Sousa Botelho (funcionária pública)
São Luís, 10 de maio de 2006.

❖ ❖ ❖ ❖

Meu Prezado Luiz Alexandre,

Em mãos um exemplar do "O Renascer Vianense", de novembro de 2005, que me foi emprestado por D. Margareth Aragão. Graças a ela e também ao notável João Mendonça Cordeiro tenho tido acesso a alguns livros de autores da "Rainha dos Lagos" e, eventualmente, a uns poucos exemplares do "Renascer".

Devo dizer que residi em Viana durante uma fase da minha infância, tendo sido aluno do Colégio Dr. Castro Maia, dirigido pela professora D. Santoca Gomes e de D. Dedé Travassos, que era nossa vizinha, na Praça de São Sebastião, hoje não mais existente.

Estava presente por ocasião do batismo do caminhão, do José Pinheiro, pelo Padre Manoel Arouche, e da aterrissagem do primeiro avião em Viana, um "Paulistinha" pilotado pelo Comandante Dieguez. Ouso revelar que estou tentando escrever sobre estas lembranças.

Leio, no momento, "A Casa de Seu Gegê – Um pedaço de saudade", emprestado pela mesma Margareth Aragão. Confesso que o livro está mexendo com meus próprios pedaços de saudades.

O principal motivo desta é o de parabenizar a Academia Vianense de Letras pelo importante trabalho de resgate da história de Viana. Também gostaria de saber como fazer para receber, regularmente, "O Renascer" e onde conseguir mais livros de autores vianenses.

Aldir Penha Costa Ferreira (aposentado)
São Luís, 28 de fevereiro de 2006.

❖ ❖ ❖ ❖

Ilmº . Sr. Luiz Alexandre Raposo,

Li o editorial do "Renascer Vianense", datado de maio/2006, e senti-me no dever, como professora que sou, de manifestar o meu ponto de vista em resposta ao referido editorial.

Nós, vianenses, nos orgulhamos muito do passado histórico da nossa cidade, sempre citada como berço de tão ilustres cidadãos que se destacaram em vários segmentos da cultura como escritores, poetas, compositores, músicos, cantores, artistas plásticos e por aí a fora. E é por esse passado glorioso que nos sentimos esperançosos, acreditando que nossa cultura será resgatada.

O exemplo que a AVL vem dando, no incansável trabalho de seus membros em divulgar nossa cidade, notadamente no aspecto cultural, cremos que o objetivo será alcançado, mesmo que isso ocorra num processo lento.

Já é perceptível, mesmo que timidamente, uma participação mais efetiva da comunidade vianense nas manifestações promovidas pela Academia. Aquela solenidade de posse do Estêvão Maya-Maya foi um evento cultural de grande magnitude, como há muito não se via em Viana. A presença da população superou as expectativas e a Catedral de N. S. da Conceição ficou pequena para tantas pessoas.

A explanação da pesquisadora Mundinha Araújo a respeito de seu livro "*Insurreição de Escravos em Viana*" foi uma aula dada com competência e profundo conhecimento de causa. Os alunos de Centro Educacional Profº Antônio Lopes declamando as poesias "*O Escravo*" e "*Os Calhambolas*", da autoria de Celso Magalhães, foi uma prova de que nem tudo está perdido e que nossos jovens ainda são capazes de se interessar e encantar com as coisas belas, como a poesia, por exemplo.

Após seu discurso de posse, quando o Estêvão Maya-Maya cantou em latim as ladainhas que outrora eram entoadas na nossa Igreja Matriz, todos nós presentes ficamos em êxtase, diante daquela voz tão maravilhosa. O seu dueto final com Rogéryo du Maranhão, cantando as músicas da nossa inesquecível Dilú Mello, foi aplaudido de pé, por uma platéia emocionada e embevecida por tão raríssimo momento de puro deleite cultural.

Em novembro de 2005, aconteceu outro grandioso momento, quando do lançamento da reedição do livro "*Minha Vida, Minha Luta*", de autoria do escritor Travassos Furtado, ocasião em que tivemos a oportunidade de desfrutar da magnífica voz do não menos ilustre cantor Fernando de Carvalho, o qual dispensa comentários.

Portanto, Sr. Presidente, tanto o jornal "O Renascer Vianense", que traz em suas páginas a história de nossos antepassados e que significa nossa própria história, quanto todas as ações da AVL significam sim, e muito para todos nós vianenses. Apenas talvez não saibamos agradecer como deveríamos, um pouco por timidez, como é o meu caso, que já havia pensado, há algum tempo atrás, em enviar minha mensagem exaltando esse trabalho tão nobre e louvá-los por tal iniciativa, mas não tinha tido ainda um estímulo mais forte, o qual me foi fornecido pela leitura do editorial da edição nº 12 do "Renascer".

Desejo, sinceramente, que a cada dia o compromisso de vocês da AVL para com a nossa cidade se fortaleça mais, e que nunca o desânimo, causado pelo silêncio dos filhos desta terra, os desmotive a continuar com a árdua tarefa de resgatar e elevar sempre a nossa história, tão rica em sua cultura.

De minha parte, espero poder contribuir, dentro das minhas limitações, ainda que em sala de aula, com meus alunos, na divulgação deste trabalho da AVL, de tão grande relevância para todos nós.

Saudações,

Maria de Fátima Santos Mendonça (professora)
Viana, 24 de maio de 2006.

NOZOR SOUSA: centenário de nascimento.

Lourival Serejo

Em fevereiro do corrente ano, comemorou-se, em silêncio, os cem anos de nascimento de Nozor Lauro Lopes de Souza, o boticário que dedicou sua vida ao comércio e à cidade de Viana. Afora essa atividade, sua paixão era a política como militante do PSD, mas nunca se beneficiou dela para nada pessoal.

Quando a cidade ficava sem médico, suas receitas muito contribuíram para devolver a saúde aos doentes. Em sua farmácia, a FARMÁCIA SEREJO, atendia a qualquer hora do dia e da noite, mesmo resmungando seus gemidos, mas nunca com indelicadeza ou grosseria.

Para homenageá-lo, como seu filho, lembrei-me de transcrever aqui uma crônica que fiz para ele, ainda vivo, publicada no jornal Cidade de Pinheiro, em 28 de maio de 1972, com o título "Nozor Sousa: perfil de um pinheirense." Naquela época, eu era um estudante de Direito, e o vocabulário daquela página reflete a imaturidade do escritor, mas a emoção do seu conteúdo é a mesma de hoje.

Eis a íntegra daquela crônica:

"Num dia perdido na distância dos anos passados, emigrou, do Vale do Pericumã, um rapaz ousado que levava consigo apenas a vontade e a determinação férrea de vencer na vida.

No seu itinerário percorreu, palmo a palmo, os íngremes caminhos do grande sertão. Desde as terras do Pará aos chapadões cearenses, das alvas praias maranhenses às ribanceiras do Tocantins.

Passou pelas mais variadas aventuras, enfrentou perigos e dificuldades a cada passo. Com a serenidade enérgica de um Lincoln, a tudo venceu, plasmando daí a fibra imponente de um homem forte.

E foi nessa sua peregrinação incessante que um dia chegou a Viana, onde veio a se casar e fixar residência.

O modo como chegou e veio a prosperar naquele município, foi muito bem definido em rimas satíricas, aparecidas, há muito tempo, num certo ´Ora, Pílulas', de autor desconhecido. Logo, de início, lia-se:

'Nozor da Botica,
Tipo cicica
Feliz pra xuxu.
Aqui aportou
De calças rasgadas
Como corretor
E hoje banca o doutor.'

Qualquer pessoa conhece, em Viana, aquela figura de chapéu na cabeça, ligeiramente inclinada, que passa pelas ruas, apressado, resolvendo seus problemas, buscando qualquer coisa. É o ´Nozor da Farmácia'. Sua casa funciona como uma hospitaleira Embaixada Pinheirense, encravada no seio da cidade. É uma célula de Pinheiro no tecido do povo vianense.

Aos seus conterrâneos e a todos os conhecidos, pode dizer, orgulhosamente, que venceu pela força e pela coragem, tendo a honestidade como lema e integridade de um caráter inquebrantável como égide.

Todo o seu êxito sobre as vicissitudes na luta pela existência parece que repousa naquela fórmula de firmeza sugerida pelo autor de AS FORÇAS MORAIS: *Trabalha, canta ou ruge com inteireza e sem desvio: vibre em ti uma parcela da tua raça.*"

Nozor Souza era casado com Isabel Serejo Souza, com quem teve nove filhos. Faleceu em 16 de setembro de 1984. Mesmo nascido em Pinheiro, ele tinha por Viana um amor de filho e seu sentimento por aquela terra se eternizou pelos nove filhos que deixou, todos vianenses.

O RENASCER VIANENSE

Diretor/Redator: Luiz Alexandre Rapôso
Endereço: Rua Antônio Lopes, 459 - Viana - MA
CEP: 65.215-000

Posse de Helena Castro na AVL

A nova imortal assinando o livro de ata da AVL

Contando com a participação de numeroso público e de autoridades, como a Gerente Regional de Viana, Ana Luísa Meireles Gomes, da Secretária de Solidariedade Estadual, Maria Clay Moreira Lima Lago, da vice-Prefeita de São Luís, Sandra Torres, do jornalista Reginaldo Teles, do Presidente da Câmara Municipal de Viana, José Ribamar Amorim, e do pároco da Igreja da Barreirinha, Padre Paulo Polidoro, realizou-se, na noite de 27 de maio último, a cerimônia solene de posse da nova acadêmica, Maria Helena Nunes Castro, que tomou assento na Cadeira de nº 24 da Academia Vianense de Letras.

A Igreja Matriz parecia pequena para comportar o público que afluía à praça, sob os acordes dos dobrados, executados pela Banda "Maestro José Piteira". Às 20:30 horas iniciou-se a cerimônia dirigida pelo presidente da casa, o jornalista e escritor, Luiz Alexandre Raposo. Presentes ainda os seguintes acadêmicos: Padre Eider Furtado Silva, José Pereira Gomes, Kalil Mohana, Maria da Conceição Raposo, Nozor Lauro de Sousa Filho, Maia de Fátima Travassos Cordeiro, Rosa Maria Pinheiro Gomes, Rogério Castro Gomes, José Henrique Carvalho, Maria Vitória Santos, José Antonio Castro e João Mendonça Cordeiro.

Padre Eider Silva saudou a nova acadêmica

Acompanhada pelos acadêmicos Rogério Castro Gomes (Rogéryo du Maranhão) e José Antonio Castro, a nova imortal vianense adentrou a nave da igreja sob os aplausos do público presente. Após a execução do hino vianense, Helena Castro foi saudada pelo Padre Eider Furtado da Silva. Em comovente discurso, Padre Eider deu seu testemunho pessoal de quem acompanhou, de perto, a trajetória de vida da menina que nasceu e foi criada na Praça da Matriz.

Em seguida, antes de receber o diploma e o capelo das mãos do presidente da AVL, Helena Castro proferiu seu discurso de posse, elogiando o importante trabalho desenvolvido, em Viana, no âmbito social e especialmente na área da saúde, de sua patrona, a enfermeira Enedina Brenha Raposo.

Feita a leitura do termo de posse pelo secretário da AVL, João Mendonça Cordeiro, a acadêmica assinou a ata e posou para a foto oficial entre seus novos pares. Finalizando a reunião, acompanhada pelo pianista Renan Ramos, a cantora Núbia Maranhão apresentou um belo recital de músicas clássicas e populares. Entre composições de Gounod, Carlos Gomes, Chiquinha Gonzaga, Vicente de Paiva e Jayme Redondo, a mais aplaudida foi "Viana - Cidade Magia" de Dilú Mello. Na interpretação da nostálgica valsinha, Núbia contou com a participação de Rogéryo du Maranhão e de todo o público presente, que acabou fazendo coro aos dois cantores.

Helena Castro fazendo seu discurso de posse

E para encerrar com chave de ouro a noite festiva, à saída da igreja, os convidados foram brindados ainda com uma apresentação do "Boi Pirilampo", vindo especialmente de São Luís para abrilhantar o evento.

❖ ❖ ❖

Filha de Raimundo de Sousa Castro e de Melany Nunes Castro, Helena Castro fez o curso primário no Grupo Escolar Estevam Carvalho. Na capital, cursou os antigos ginásio e científico no Colégio de São Luís, graduando-se, anos depois, em Enfermagem, pela Fundação Universidade Católica (hoje, UFMA).

Mestre e Doutora em Saúde Pública pela USP (Universidade de São Paulo), especializou-se também em diversas áreas da saúde, como Saúde Pública, Epidemiologia, Educação e Saúde, Administração Hospitalar e Planejamento em Saúde Pública. Engajada nos movimentos políticos - sociais desde os tempos de estudante de nível médio, Helena soube trazer para a vida profissional o mesmo dinamismo. Entre tantos cargos e atividades assumidas, destacam-se: secretária, vice-presidente e presidente da Associação Brasileira de Enfermagem (seção Maranhão); membro da primeira Diretoria do Conselho Federal de Enfermagem; membro da Associação Brasileira de Sanitaristas; presidente do Conselho Maranhense de Secretarias Municipais de Saúde; diretora da primeira Escola de Auxiliar de Enfermagem Regionalizada (Pedreiras-MA); membro do Movimento de Mulheres e do Movimento Negro do PDT.

Depois de passagens pela SUDENE (quando trabalhou em programas desenvolvidos nos municípios de Pindaré, Chapéu de Couro, Bom Jardim e Zé Doca), pela Fundação Hospitalar e Maternidade de Brasília (DF), e da realização do sonho de trabalhar com a saúde pública, voltada para a prevenção de doenças (quando atuou nos municípios da fronteira Maranhão/Piauí), Helena ganhou notoriedade estadual, depois de assumir por onze anos o cargo de Secretária de Saúde de São Luís, durante a gestão do Dr. Jackson Lago na Prefeitura de São Luís.

Atualmente, a mais nova imortal vianense é professora aposentada pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e vereadora de São Luís, no seu segundo mandato.

Helena Castro entre seus pares da Academia Vianense de Letras

IGREJA MATRIZ: MONU

Na véspera de seu 250º aniversário, a cidade tem seu mais i

Principal marco de fundação da antiga Vila de Viana e, portanto, o mais importante monumento histórico da cidade, a secular Igreja Matriz corre risco de desabamento futuro, caso não sejam tomadas providências urgentes que visem o reforço de sua estrutura física.

Construída pelos padres jesuítas, na segunda metade do século XVIII, a igreja sofreu duas importantes restaurações, ao longo de sua existência, com fundos arrecadados junto à própria comunidade. A primeira delas ocorreu, segundo informações remotas, no fim da década de 1920 e a segunda, já sob a administração do pároco Manoel Arouche, no início dos anos 40, quando a igreja ganhou sua imponente torre de 25 metros de altura. Para a execução desta obra veio de São Luís, especialmente contratado, o construtor português de nome Manoel Fernandes.

Nessa oportunidade, a velha igreja teve sua primeira perda irreparável: atacado por cupins, o rico altar-mor, todo trabalhado em madeira, foi arrancado e substituído pelo atual, feito de alvenaria. Ostentando uma nova arquitetura, mas ainda dentro do estilo colonial, a imponente Igreja de N. S. da Conceição manteve-se assim por mais de trinta anos.

Na década de 70, porém, sob a iniciativa do então bispo da Diocese de Viana, D. Adalberto de Paula e Silva, o templo passou por uma terceira e brutal reforma, que lhe adulterou toda a feição arquitetônica. Além da colocação de azulejos de gosto duvidoso em sua fachada e de elementos vazados nas janelas, a igreja ainda teve suas telhas coloniais trocadas por telhas do tipo brasilite. A parte interna igualmente sofreu agressões: tanto a escada em formato de caracol (que dava acesso ao coro), como os pisos superiores (que levam até a torre), construídos originalmente de madeira, foram substituídos por lajes de concreto.

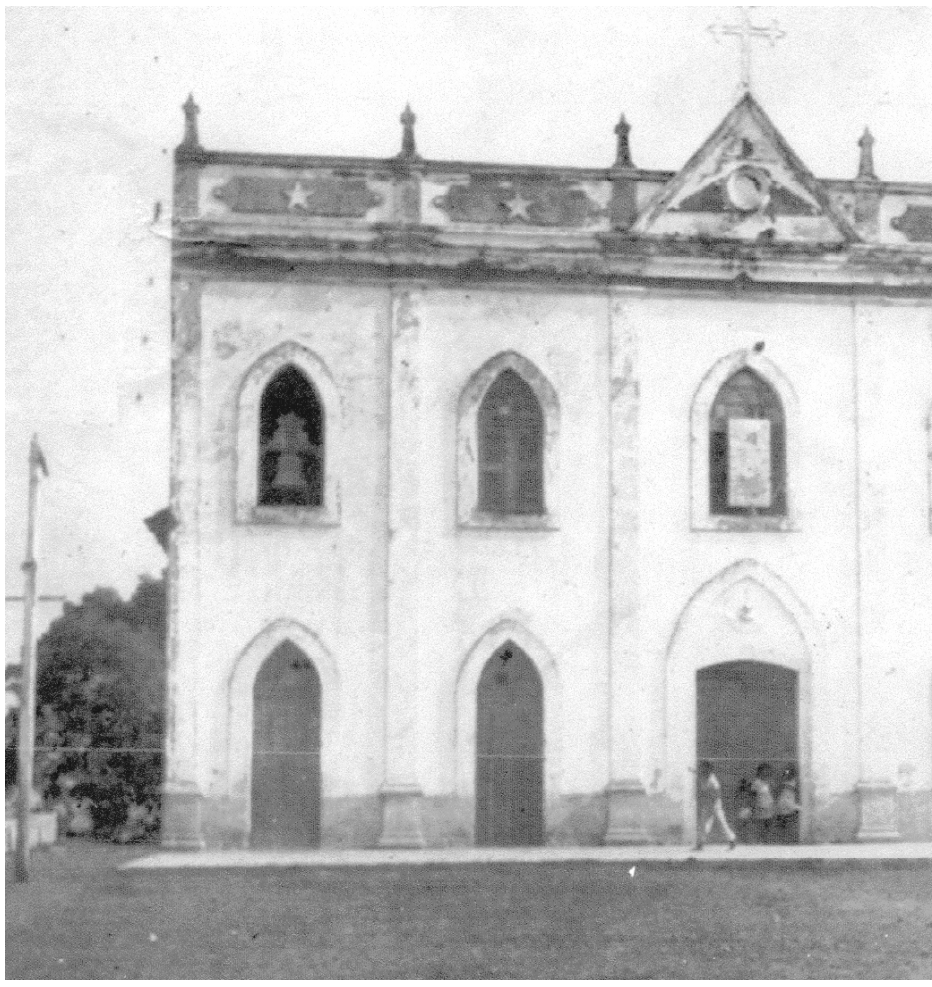
Vinte anos depois, no final dos anos 90, o prédio começou a apresentar graves problemas como infiltrações e rachaduras nas paredes, telhas em péssimo estado e forro totalmente comprometido. Os pisos superiores mostravam sinais iminentes de perigo. Durante as últimas duas décadas, nos meses de inverno, a água da chuva penetrava pelos elementos vazados e acumulava-se nas lajes, provocando estragos e ferrugem nos ferros que lhes davam sustentação.

Campanha para restauração parcial da igreja

Preocupado com a grave situação, o Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico de Viana juntou-se a uma comissão de paroquianos com a finalidade de trabalhar pela restauração da igreja. Na época, orientado por um levantamento técnico feito apressadamente, o grupo acreditava ser prioritária apenas a substituição do telhado e do forro do prédio. Rifas foram vendidas junto à população local, enquanto, em São Luís, a colônia vianense realizava saraus dançantes e enviava pedidos de contribuições, a particulares, para depósito em conta especialmente aberta no Banco do Brasil, em nome da Diocese de Viana. Tudo com o objetivo de arrecadar o valor estimado de aproximadamente R$18.000,00 para a execução da obra.

A população, auxiliada pelo poder municipal, poderia se motivar e empreender uma séria campanha em prol da recuperação da igreja. As rádios e canais de TV locais poderiam ajudar muito nessa campanha de objetivo tão nobre.

Em 2003, depois de conseguir cerca de R$11.000,00 e de adquirir 13 milheiros de telhas coloniais ao preço de R$4.775,00, na Fábrica "Barro Forte" de Timon, (mais o pagamento do frete de duas carretas no valor de R$1.000,00) o comitê solicitou aos técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) um levantamento detalhado, com vistas à elaboração de um projeto de restauração completa do templo, no futuro. Após cuidadosa inspeção, o parecer dos técnicos aconselhava não mexer no telha-



Fachada original da Igreja Matriz (com cinco janelas e cinco portas), antes da r
(Observe-se que a base do cruzeiro ainda não ostentava o bloco de pedra de can

RIBAMAR ALVES

Fachada tradicional da Igreja Matriz, depois da construção da torre.

NUMENTO AMEAÇADO

s importante monumento histórico ameaçado de desabamento.

es da reforma e construção de sua torre, realizada no início da década de 1940.
de cantaria com a inscrição JHS, que somente seria encontrado nessa reforma).

LUIZ ALEXANDRE

Cruel descaracterização: azulejos de "banheiro" na fachada, telhado de brasilite, retirada das molduras das janelas e colocação de elementos vasados.

Se cada morador da cidade doasse dez reais, o montante arrecadado daria para cobrir todo o custo da obra de restauração da Matriz.

do, pois havia riscos de desabamento. Em outras palavras, ou se fazia o serviço completo a partir das paredes laterais para alcançar os pisos superiores e posteriormente o telhado, ou melhor não mexer em nada.

Situação atual

Na impossibilidade de arcar com maiores despesas, o comitê decidiu apelar a instâncias superiores. Em junho daquele mesmo ano, o deputado Francisco Gomes, em visita ao ministro da Cultura, em Brasília, trazia a esperança de auxílio do governo federal, conforme matérias publicadas pelos jornais "O Estado" e "O Imparcial", ambos de 27/06/03. Relatórios e cartas de associações locais foram enviados para cadastramento da cidade de Viana no "Projeto Monumenta", visando o recebimento de recursos, amparados nas leis de incentivo à cultura.

Paralelamente, intermediado pelo Sr. Carlos Barros, um outro pedido de auxílio foi dirigido ao Governo do Estado, em correspondência emitida pelo Comitê (datada de 24/06/03) e endossada pelo bispo diocesano, D. Xavier Gilles, em carta particular também endereçada ao governador, Dr. José Reinaldo Tavares. Até o momento, infelizmente, nenhum aceno positivo de ajuda proveniente de qualquer das partes.

Projeto de restauro

Apenas pela elaboração do projeto de restauração da igreja, os técnicos e engenheiros do IPHAN cobravam o valor, nada irrisório, de R$26.000,00. No ano passado, o próprio Dom Xavier conseguiu que o engenheiro e a arquiteta, responsáveis pela construção do Seminário Maior da Diocese de Viana, em São Luís, elaborassem o projeto de restauração da Matriz. Em abril de 2005, quando finalmente o projeto ficou pronto, o valor para recuperação completa da Catedral de N. S. da Conceição (incluindo a retirada dos azulejos, substituição do telhado, forro, pisos superiores e retorno da escada de madeira tipo caracol etc) foi estimado em R$455.560,00 (Quatrocentos e cinqüenta e cinco mil, quinhentos e sessenta reais).

Na ausência de ajuda externa e na iminência de ver ruir seu mais belo e importante monumento histórico, bem que a população local, auxiliada pelo poder municipal, poderia se motivar e empreender uma séria campanha em prol da recuperação da igreja. E os vianenses residentes em outras plagas, com certeza, estariam dispostos a colaborar.

Considerando-se o exemplo de bairros da capital como Cohafuma, Cohama, Cohajap ou mesmo o Jardim América (na Cidade Operária) que conseguiram construir, ao longo de alguns anos de trabalho, igrejas monumentais, por que a população de Viana não poderia arcar com uma simples restauração? Feito os cálculos na ponta do lápis, se cada morador da cidade doasse dez reais, o montante arrecadado daria para cobrir (com sobra) todo o custo da obra.

Dos R$11.000,00 arrecadados nas rifas, saraus e contribuições, R$5.4775,00 (incluindo o frete das carretas) foram utilizados para a compra de 13 milheiros de telhas coloniais (as quais se encontram guardadas no depósito da Loja Vianense, sob a responsabilidade do Sr. Geraldo Costa). O restante do dinheiro foi utilizado na aquisição de quatro vitrôs para as vigílias da torre, troca de duas portas da frente, pintura completa da igreja e alguns outros pequenos reparos mais urgentes.

MONSENHOR AROUCHE

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO (1906 – 2006)

Um século atrás nascia, em São Vicente de Férrer, Manoel Nunes Arouche, o futuro padre que, aos 25 anos, assumiria o cargo de Pároco da Igreja Matriz de Viana, pastoreando o rebanho católico vianense até falecer, aos 52 anos de idade.

O ORADOR E O LÍDER RELIGIOSO

João Mendonça Cordeiro

Que poder estranho era esse do Padre Manoel Nunes Arouche de fazer com que todos o escutassem, com agrado e embevecimento, todos haurissem, igualmente, do manancial de seus discursos? Que poder era aquele de encantar as pessoas, de todos os níveis intelectuais, de todas as idades?

O enlevo do Monsenhor Arouche sobre os fiéis não mudava fossem seus discursos inflamados ou balbuciantes, religiosos ou profanos.

Depois de ouvi-lo inúmeras vezes, impressionado com essa atração excepcional, parece que pude, finalmente, desvendar o mistério. Pasmo, verifiquei que o segredo de sua oratória universal se escondia no poder que jamais encontrei em outro orador: o de mesclar, com uma perfeição inexcedível, com a maestria que somente ele sabia executar, frases refinadas com períodos simples, vocábulos raros ou técnicos com palavras bem comuns e nessa tecedura formidável, nessa teia intelectual inimitável, ia agradando a todos, sábios e ignorantes, versados ou não nas letras literárias.

Mas, Padre Manoel Arouche foi um homem extraordinário não apenas como orador. Não ficou limitado às estreitezas de seu tempo, antevendo e executando, mesmo, diversas mudanças que somente décadas depois seriam operadas na Igreja Católica.

Vivendo seu apostolado num período em que era muito comum a luta velada ou declarada entre católicos, protestantes e espíritas, Monsenhor Arouche entendia-se muito bem com todos eles. Esse seu espírito ecumênico ficou comprovado quando perguntou a um casal se não queria mandar o filho estudar no Seminário Santo Antônio, em São Luís. Os pais se espantaram com a pergunta e lhe lembraram que eram espíritas. Ele respondeu que não havia problema e de fato o filho do casal foi durante alguns anos seminarista.

Como pároco da Igreja Matriz, quando a cidade ainda não havia se transformado em diocese, Monsenhor Arouche demonstrava a maior preocupação com o nível educacional e cultural de Viana. Antes criara um curso noturno, ao nível ginasial, especialmente para rapazes que trabalhavam no comércio. Depois fundaria uma escola primária, que seria mantida pela paróquia de N. S. da Conceição.

Dono de um magnetismo pessoal que atraía e ao mesmo tempo amedrontava (seus olhos pareciam possuir uma força hipnotizante e poucas pessoas podiam fitá-lo, de frente, firmemente) Monsenhor Arouche era uma pessoa de temperamento dominador, irascível, em muitos momentos, mas sabia, igualmente, esquecer e perdoar com facilidade. Não tinha inimigos de verdade, apesar da política partidária em que se emaranhou. Testemunhei, quantas vezes, o seu diálogo franco, até brincalhão, como se fossem bons amigos, com pessoas que eram seus adversários pessoais. Com sua presença, todo o ambiente, antes carregado de rancores, se desfazia, muitas vezes, apenas por momentos.

Monsenhor Arouche foi um homem de Deus, um verdadeiro líder religioso e um pastor extremoso com suas ovelhas. Quantas pessoas mudaram o rumo de suas vidas, depois que cruzaram o seu caminho? João Mohana (mais tarde sacerdote, escritor e também renomado orador) não escondia a influência que o pároco da Matriz de Viana lhe causara... O jornalista Travassos Furtado, em seu livro biográfico *"Minha Vida, Minha Luta"*, relata o chamado do Monsenhor Arouche (quase uma ordem), para que se tornasse o deputado da Baixada Maranhense por duas décadas... O confrade José Pereira Gomes, Promotor Público aposentado, também já testemunhou a iniciativa providencial de Monsenhor Arouche, a fim de que ele ingressasse na Faculdade de Direito. E o que dizer das heróicas histórias de vida dos Padres Eider Furtado da Silva e Wilson Cordeiro? E do nosso ilustríssimo Heitor Piedade Júnior (ex-padre e conceituadíssimo professor de Direito, no Rio de Janeiro)?

Eu também fui tocado por aquele olhar penetrante e por aquela palavra que mexia fundo no espírito. Eu mesmo trilhei caminhos sob a energia de suas palavras...

E para aqueles que não tiveram o inefável prazer de escutá-lo, resta apenas repetir, parodiando o velho guerreiro timbira do poema I- Juca Pirama, do imortal Gonçalves Dias:

-"Meninos, eu o ouvi!"

MINHA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO COM O MONSENHOR

Heitor Piedade Júnior

Enquanto trabalhei em Viana, como Vigário Cooperador, dormia todas as noites na residência paroquial, que funcionava no prédio do atual Palácio Episcopal, fazendo companhia ao Monsenhor Arouche, como ele desejava. Eu dormia no segundo andar e ele no térreo, na parte dos fundos, em rede armada ao lado da rede de sua irmã, Dona Lucina Arouche, que passou a morar ali também, para acompanhá-lo, desde que seu estado de saúde se agravou.

Monsenhor Arouche não gostava de dormir no escuro, por isso acendia-se um candeeiro Petromax, que ficava aceso a noite inteira, sobre uma estante ao lado de sua rede. Costumava ficar conversando comigo sobre a Bíblia Sagrada, até mais de meia noite, principalmente sobre o Antigo Testamento, que era sua preferência. Às vezes, adormecia com a Bíblia aberta sobre o peito.

Na última vez que o vi, com vida, foi às seis horas da manhã do dia 23 de outubro de 1958, véspera de sua morte, quando tomamos o café da manhã. Logo após, rumaria ao povoado de Preguiças, para fazer as desobrigas paroquiais, no dia seguinte. Ele me acompanhou até a porta da rua, bem disposto, e me abençoou. Ao partir, já montado no cavalo, olhei para trás e o vi fazendo o sinal da cruz em minha direção.

O falecimento de Monsenhor Arouche

No dia seguinte, por volta das nove horas, quando já me encontrava na capela de Preguiças, fazendo os registros dos batizados e casamentos, avisaram-me que meu pai, Seu Gegê, estava chegando com mais dois cavaleiros. Levei um susto e pensei mil coisas ao mesmo tempo.

Papai foi logo me dizendo que o Monsenhor Arouche havia falecido, pela madrugada, vítima de um infarto fulminante e por esse motivo viera me buscar. Ele havia, ainda bem cedo, alugado um caminhão em Viana para poder chegar a São Felipe, de onde viera a cavalo.

Naquela hora, a capela do povoado já se encontrava lotada de tanta gente. Rapidamente, iniciei a celebração da Santa Missa, fiz os batizados e os casamentos e rumamos a cavalo até São Felipe, ao encontro do caminhão, que nos levaria até Viana.

Durante o percurso, aproximadamente mais de duas horas, vi passarem alguns aviões (teco-tecos), vindos da capital. Um deles trazia Dom José Delgado, arcebispo de São Luís, e seu auxiliar, Padre Sidney Castelo Branco. No caminho ainda encontrei o Padre Eider Silva que vinha de jipe de São Vicente de Férrer. Chegou também na mesma hora, de Vitória do Mearim, o Monsenhor Eliud Arouche, irmão do falecido. Em seguida, o Padre Wilson Cordeiro de Penalva e, se não me falha a memória, também chegou o Padre Chagas Nonato, vindo de Pindaré-Mirim.

A missa de corpo presente e o sepultamento

Quando entramos na Igreja Matriz, o corpo do Monsenhor já se encontrava na Capela Mor. A nave da igreja estava lotada de paroquianos e de pessoas que haviam vindo de outros municípios da paróquia. Todas as Irmandades Religiosas se fizeram presentes.

A missa de corpo presente, presidida pelo Arcebispo, foi celebrada com a participação de todos os padres presentes, enquanto estava sendo aberta a sepultura, no interior da própria igreja. O local escolhido obedecia ao seu expresso desejo, enquanto vivo. Era naquele lugar, próximo da porta que dá acesso ao jardim contíguo ao Palácio, que ele costumava ficar horas inteiras, na parte da tarde, ora lendo a Bíblia, ora rezando o terço. Às vezes ajoelhava-se no genuflexório, outras vezes sentado em sua cadeira.

Exatamente, às 18 horas, hora da Ave Maria do dia 24 de outubro de 1958, estava sendo fechada a urna funerária, para o sepultamento, enquanto a multidão cantava o hino "No céu, no céu, com minha Mãe estarei..."

Após o sepultamento, a multidão, na maior tristeza, foi deixando a igreja em silêncio...

Ainda hoje, algumas pessoas que freqüentam a Igreja Matriz costumam rezar sobre seu túmulo.

O PASTOR EXTREMADO

Padre Eider Silva

Quando foi pensada a criação da diocese de Viana, no início da década de quarenta do século passado, por ocasião de uma visita pastoral feita pelo então arcebispo de São Luis, Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, a área destinada à diocese, com uma extensão de 37.000 km2 e uma população de 240.000 habitantes, tinha apenas dois padres residenciais, a saber: Padre Manoel Arouche e Monsenhor José Bráulio Nunes. Este último, por sinal, já bastante idoso. Mas, apesar de haver somente dois padres, era crescido e bem animador o número de candidatos ao sacerdócio, na região, estando até alguns perto de se ordenarem padres. Tudo isso graças ao excelente trabalho pastoral de um extremado pastor que sabia, como ninguém, velar por seu rebanho.

Padre Arouche recebeu a incumbência de construir o palácio episcopal. Dentro de pouco tempo estava o prédio edificado como se encontra até hoje, ao lado da velha Igreja Matriz. Mas não se restringiu somente ao Palácio, sua atuação efetiva como construtor. Antes havia liderado e providenciado a reforma da Matriz, quando a igreja ganhou sua monumental torre. A antiga residência dos párocos, igualmente, passou por uma reforma para adaptar-se à escola primária que ele mesmo fundou e da qual foi o primeiro diretor – o Grupo Escolar Dom José Delgado. Em 1953, cinco anos antes de sua morte, foi a vez da Igreja de São Benedito passar por uma completa reforma. A fim de angariar verbas para tais empreendimentos, ele se valia de sua liderança política e religiosa. Havia sempre um livro de ouro, onde os principais comerciantes de Viana assinavam, dando sua contribuição financeira.

Monsenhor Arouche é considerado como o criador, no Maranhão, dos retiros espirituais voltados para diferentes classes sociais, por ocasião das celebrações da Quaresma. Esses retiros eram considerados muito proveitosos, pois se constituíam em autênticos momentos de introspecção espiritual para os fiéis cristãos da cidade.

Monsenhor Arouche foi o grande apóstolo de Viana e de toda a Baixada Maranhense. Também foi considerado o maior orador sacro de sua época, no Maranhão. Citando Dom Felipe Conduru Pacheco, narro que *"por ocasião do 1º centenário de fundação do Seminário Santo Antonio o Monsenhor Arouche proferiu um sermão de fina arte literária, no qual reviveu a figura inconfundível de Dom Marcos Antonio de Sousa o fundador do Seminário de Santo Antonio"*

Sempre que me recordo da figura do Monsenhor Arouche, sou invadido por um sentimento de gratidão a Deus que, numa hora feliz e abençoada, confiou a direção desta paróquia a um sacerdote zeloso e abnegado, sacerdote que soube consagrar todas as suas soberbas energias, todas as suas atividades, todo o seu talentoso gênio a serviço de seus amados paroquianos.

A ele, devo a opção de minha vida sacerdotal. Foi por seu intermédio que pude estudar no Seminário Santo Antônio, em São Luís, para um dia poder retornar a esta terra, imbuído da missão sublime de trabalhar em prol de seus filhos.

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

CONCEIÇÃO RAPOSO

Uma intelectual a serviço da Educação

Luiz Alexandre Raposo

Quando a enfermeira Enedina Brenha Raposo desembarcou nesta cidade com toda a família, em junho de 1949, para trabalhar no Posto de Saúde local, trazia também sua filha mais nova, Conceição, então com apenas um ano de idade.

Natural da vizinha São Bento, Maria da Conceição Brenha Raposo fez aqui o curso primário no tradicional Grupo Escolar Estevam Carvalho. No antigo 4º ano primário, "Sanção de Enedina" (como era conhecida naquele tempo, em Viana) teve sua primeira experiência de ensino ao ser escolhida para tomar conta da turma do 1º ano, enquanto durasse o período de licença gestante da professora titular, Socorro Serejo. No final daquele ano de 1961, como era permitido por lei, prestou o exame de admissão ao ginásio, sendo aprovada e integrando assim a 1ª turma do recém-fundado Ginásio Professor Antônio Lopes, ao lado da irmã, Têca, e das colegas Josefina Cordeiro, Ribamar Ericeira, Maria de Jesus Bezerra, entre outros.

Nessa época, chegavam a Viana as primeiras representantes da AFIS (Auxiliares Femininas Internacionais), Guadalupe, Maria Stuart e Tereza. Depois chegariam Denise Caron e Gertrudes Pax. O contato com as chamadas "missionárias" e a participação ativa na JEC (Juventude Estudantil Católica) seria decisivo para o futuro da adolescente. Contratada ainda em Viana para fazer parte da equipe do recém-criado MEB (Movimento Educacional de Base), Conceição teve sua carteira de trabalho assinada aos 15 anos de idade.

Em 1964, concluía o curso e, no ano seguinte, tinha sua segunda experiência como professora, ao ministrar a disciplina de Ciências para a turma da 1ª série do mesmo estabelecimento de ensino. A fim de continuar os estudos, em 1966 mudou-se para São Luís, matriculando-se, inicialmente, no curso normal do Colégio Santa Tereza. Devido às viagens constantes a trabalho pelo interior, transferiu-se para o turno noturno do Colégio Rosa Castro. Nesse meio tempo, através do MEB, a Rádio Educadora do Maranhão surgia com a proposta arrojada de tornar-se uma "escola radiofônica", objetivando trabalhar pela conscientização e integração das populações rurais, alijadas do processo de desenvolvimento pelas circunstâncias políticas e distâncias da época. O trabalho educativo na rádio viria alargar a visão político - social da jovem estudante.

Engajada desde cedo na área da educação, participando posteriormente da equipe técnica da Secretaria de Estado da Educação, Conceição teria ainda outras experiências ricas e interessantes, ao longo de sua trajetória profissional. Uma delas foi participar do famoso "Projeto João de Barro", naquele final da década de 60. Idealizado pelo intelectual Bandeira Tribuzi e colocado em prática pelo então Secretário de Educação, José Maria Cabral Marques, o referido projeto visava diminuir o índice de analfabetismo no Maranhão, levando o contato das primeiras letras aos habitantes dos mais distantes lugarejos da zona rural.

Assim, envolvida nesse meio, Conceição não teria dúvidas em optar pelo curso de Pedagogia, ao prestar o vestibular da antiga Fundação Universidade do Maranhão, atual UFMA. Enquanto estudante universitária, com apenas 23 anos de idade, enfrentou novo desafio como diretora da Escola Normal, naquele tempo ainda uma referência do ensino médio de qualidade, oferecido pelo Estado, na preparação das futuras professoras primárias.

Graduada, a jovem professora continuaria sua incansável busca pelo saber, ampliando seus conhecimentos científicos em sintonia com as novas idéias, apontadas pelas recentes teorias da educação. Em 1981, submeteu-se a concurso público para professora do Departamento de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão. Aprovada, passaria a lecionar as disciplinas *História da Educação*, *Sociologia da Educação* e *Educação Comparada*. Em 1984, a professora universitária alcançava o grau de Mestre em Educação pele IESAE (Fundação Getúlio Vargas) e sete anos depois, o de Doutora em Ciências Humanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Paralelamente aos títulos conquistados, o nome de Conceição Raposo ganhava prestígio e respeito na área educacional, o que lhe conduziria aos cargos de Pró-Reitora de Graduação da Universidade Federal do Maranhão (1989), Secretária de Estado da Educação do Maranhão (1991), Presidente do Conselho Estadual do Maranhão e Assessora do Ministério da Educação (1992).

Merece registro especial, a idéia de Conceição, quando Secretária de Educação do Estado, de criar (em parceria inicial com a UFMA e a UEMA) o Programa de Capacitação de Docentes do Estado do Maranhão (PROCAD), o qual objetivava melhorar a qualificação dos professores das redes estadual e municipal do interior do Estado, facilitando o acesso destes profissionais aos cursos universitários. Mesmo com sua saída prematura da SEEDUC e com a desistência da UFMA, a idéia se tornou realidade. A UEMA acreditou no programa e assumiu, em parceria com a SEEDUC, a política de tornar a universidade acessível àqueles professores. Hoje, são centenas de profissionais espalhados pelo interior do Estado, inclusive em Viana, beneficiados por esta importante iniciativa, atualmente denominada de PQD (Programa de Qualificação de Docentes).

Embora aposentada, Conceição Raposo continua na ativa. Atualmente, além de consultora da UEMA, trabalha como voluntária do Curso de Mestrado em Educação da UFMA, onde leciona a disciplina *Teorias das Ciências*. Sempre escrevendo artigos sobre educação para revistas e publicações do gênero, Conceição é autora dos livros "*Movimento da Educação de Base – discurso e prática*" e "*Dimensão pedagógica dos movimentos sociais no campo.* "

Casada com João Carlos Rodrigues, mãe de três filhos (Marcelo, Eduardo e Raquel) e avó de dois netos (Alexandre e Maria Eduarda), a ocupante da Cadeira nº 11 da AVL, que tem como patrono o escritor e cientista Raimundo Lopes, também faz parte da Academia Sambentuense de Letras, onde é titular da Cadeira nº 20.

NILTON AQUINO

Um artista excêntrico

Lourival Serejo

Estava o jovem Eider Furtado da Silva, antes de ser padre, passando pelo quintal de sua casa, em Viana, quando viu um homem na beira do mato, perto da casa de Cota de Leão, abaixando-se e erguendo-se, com a vista fixa para o alto, sem se importar com nada à sua volta. Curioso, o jovem Eider aproximou-se até identificá-lo: era Nilton Aquino e suas excentricidades de artista. Logo tomou conhecimento de que ele estava pintando a torre da Matriz, pela perspectiva do fundo. Atitude como essa se repetiria novamente, quando ele se pôs a buscar os detalhes da cúpula da torre, usando um colete para ficar pendurado e assim descobrir cada detalhe daquela parte mais alta da igreja.

Nilton Salgado de Aquino foi um homem que pontificou na vida social de Viana não apenas por seus dotes artísticos, mas por sua fina inteligência e rara sensibilidade. Nascido a 27 de outubro de 1900, o pintor era filho de Amâncio de Aquino (autor da letra do Hino Vianense) e Honorina Celina Salgado de Aquino. Quando jovem, o futuro artista plástico estudou no Seminário Santo Antônio, em São Luís, onde cursou até o penúltimo ano de Teologia, adquirindo ali toda a cultura humanista e religiosa indispensável para formação de um padre.

Considerável parte de sua obra artística consistia na reprodução de selos comemorativos, utilizando a técnica de *crayon* (a lápis). O artista assimilava as peculiaridades dos selos, reproduzindo as estampas da forma mais fiel possível, inclusive com a picotagem. O esforço que lhe exigiu a reprodução dos selos contribuiu para danificar sua vista, de forma irrecuperável diante das condições da oftalmologia da época.

Os quadros de Nilton Aquino dispersaram-se em mãos desconhecidas. Na Prefeitura Municipal de Viana havia um ou dois de seus quadros com temas filatélicos. Na casa de sua sobrinha, Iléia Aquino, em São Luís, há um quadro pintado a óleo, de 1930. É o retrato do irmão do artista, Eider Aquino, em traje militar. Segundo informações de João Mendonça Cordeiro, Nilton Aquino era também escultor de imagens de santos (talvez por influência do período que passou no seminário).

Vale registrar que apesar de seu verdadeiro nome de batismo ser Nilton, o pintor era mais conhecido, em sua época, por Newton. As referências escritas sobre sua pessoa igualmente o denominam assim, como expressa o jornal *Tribuna* (São Luís-MA), edição de 28.8.1929, com a seguinte nota:

"Newton Aquino.

Acham-se em exposição, na mostra da Farmácia Garrido, dois belos quadros do esperançoso pintor Newton Salgado de Aquino.

Os trabalhos expostos, pintura e sanguínea, revelam, pelo seu acabamento, proficiência e gosto artístico, pelo que felicitamos o inteligente conterrâneo." (*Apud*, Luiz de Mello. Cronologia das artes plásticas no Maranhão. São Luís, 2004, p.428).

Outra exposição, nesse mesmo local, foi noticiada também pelo jornal *A Época*, de Ozimo de Carvalho, na edição de 11 de maio de 1930, com a seguinte informação:

"*O nosso conterrâneo Newton Aquino, atualmente na Capital, expôs na vitrine da Farmácia Garrido um retrato a lápis do cel. Antonio de Bricio de Araújo, vice-presidente do Estado. Esse trabalho tem sido muito elogiado pelos competentes e pela imprensa de São Luís.*"

Em 1960, Nilton Aquino fez nova exposição na Farmácia Garrido, em São Luís, com aproximadamente quarenta quadros. De acordo com seu filho Felipe, dez desses quadros foram adquiridos pelo governo do Estado.

Nilton Salgado de Aquino faleceu aos 64 anos, em 26 de agosto de 1964, em sua residência, na Rua Dr.Castro Maia. Deixou quatro filhos: Francisca de Aquino Castro, Amâncio de Aquino, Felipe Garcez de Aquino e Raimunda Aquino Lopes.

Pelos depoimentos de pessoas que privaram de sua convivência, o artista plástico era um homem recolhido e fechado, dedicado ao estudo e à pintura, mas que sabia tomar atitudes firmes, quando a situação assim o exigisse. O Dr. José Pereira Gomes relata que Nilton Aquino, ao perceber que o mapa de Viana, divulgado pelo IBGE, não correspondia à realidade, saiu em campo, pessoalmente, para corrigi-lo, a partir do limite conhecido como Picada do Nogueira. Esse mapa, devidamente corrigido, se encontra em poder do Dr. José Pereira Gomes.

Nilton Aquino morreu sem ter seu talento devidamente reconhecido pela sociedade vianense, como bem o merecia. Na linha do nosso objetivo, a Academia Vianense de Letras, neste levantamento biográfico, vem prestar sua homenagem a este grande artista, retirando-o do anonimato em que ficou desde sua morte. Ao conferir-lhe a condição de patrono de uma de suas cadeiras (Cadeira nº 13, ocupada por Nozor Lauro Lopes de Souza Filho), nossa Casa das Letras apenas fez justiça a um conterrâneo que merece ser eternizado pela sua dedicação à arte e à pesquisa.

Na Casa do Meu Avô

Carlos Gaspar

Ansioso, dei com a casa, disse ao motorista que parasse o carro e saltei. À porta aberta, logo fui entrando, ao mesmo tempo em que batia palmas. Há quase cinqüenta anos não penetrava naquela residência, a última em que morou o meu avô, Delfim Neves Pinheiro. Acorreu para receber-me, um tanto surpresa, a Teodora, que conheci ainda mocinha, pelos seus vinte e dois anos, aproximadamente. Teve ela dificuldades em certificar-se de quem se tratava e eu também não saberia identificá-la, se passássemos um pelo outro, anonimamente, em qualquer lugar. Desse modo, aquela antiga meia-morada serviu de traço de união entre nós dois, para nos reavivarmos mutuamente, na alegria de um reencontro quase inesperado.

O meu tempo era curto, posto que precisava caminhar pelas ruas de Viana, no afã de mostrá-las a meus irmãos, companheiros de viagem, que estavam pressurosos em conhecer e reconhecer a cidade. Entretanto, não me contendo, percorri a casa inteira. Assustei-me com o tamanho. À época em que ali ia deleitar-me, durante alguns dias de férias escolares, parecia bem maior. Guardei-a assim, na memória da minha juventude. Fui a todos os compartimentos. Da cozinha aos quartos, circulando pela varanda, onde fazíamos as refeições diárias. Conservavam o mesmo piso. Até em um cubículo reservado para a guarda de objetos mais grosseiros permanece o chão atijolado.

A Teodora a me acompanhar, os meus irmãos também. Curiosos e até certo ponto espantados, inquiriam-na sobre uma coisa e outra. E ia ela dando as explicações, em resposta às interrogações que lhe eram dirigidas. Perguntei-lhe, finalmente, como se tinha dado a morte do meu avô, essa figura ímpar que marcou a minha vida. Relatou-me tudo, detalhadamente, com os fatos à flor de sua memória. Aos meus olhos vieram todas as pessoas a que ela se referiu. Emocionei-me, contrariando a afirmação de que o tempo a tudo consome. É que ele não conseguiu carcomer os meus sentimentos de afeto, plantados na primavera da minha existência.

Na busca de conter-me, propositadamente mudei o tema da conversa e, recordando um período já longínquo, aos poucos, porém ligando um ao outro, fomos nos reportando a inúmeros episódios por mim então experimentados. Acudiu-me uma das festas de São Sebastião da qual participara. Era um folguedo tão interessante como os que se realizavam aqui em São Luís, em homenagem a Sto. Antonio e a Nossa Sra. dos Remédios.

De uma feita, à revelia dos mais velhos, aproveitando a ausência do meu avô, resolvi, pela noite, ir ao Largo da Igreja daquele santo. Desejava ver, em desfile, mostrando sua graça, as moças de minha idade, todas bonitas, enfeitadas a seu jeito. A timidez, no entanto, impedia que eu me aproximasse de alguma delas. Desanimado, avistei um amigo do meu pai, e logo nos acomodamos à beira da mesa de uma pequena barraca, de onde escutávamos o som da orquestra que animava a efeméride. A seu convite, mais na tentativa de causar impressão às pessoas que ali passavam do que para fazer-lhe companhia, aceitei tomar uma cervejinha. Lá foram um, dois, três e não sei mais quantos copos. Tonto e balançando o corpo, rumei para casa. Entrei sorrateiramente, armei a minha rede e dormi. Imaginava que ninguém fosse saber do acontecido. Enganei-me. No dia seguinte a notícia corria de boca em boca. Recebi as admoestações devidas. E, sem demora, chegou um telegrama do "velho", que tomara conhecimento do fato, determinando meu regresso a São Luís.

Informaram-me agora que a Igreja de São Sebastião ruiu. Assim como a própria Viana da minha meninice, que vai se desmoronando. Aos poucos fui relaxando e, novamente, como se desejasse repintar o quadro escondido em minha alma, percorri insistente toda a morada, desta vez bem mais atento. Em uma das alcovas, lá estava a imagem de São João, talvez esculpida em madeira, de valor inestimável, guardada em um santuário bem simples. E, à saída, ao me retirar, olhei para a parede do meu lado esquerdo. O velho relógio, no mesmo lugar. Aturdido, nem percebi se ele funcionava. Meu coração se apertou. Despedi-me da Teodora e do meu avô, que não me parecia jazido no cemitério, mas presente naquele local.

Havíamos saído de São Luís, em dois automóveis, depois das seis horas da manhã. Olhei para o meu pulso esquerdo e o relógio já apontava para as nove e meia, quando descemos o batente daquela casa. Deixamos que os motoristas avançassem com os veículos, após definirmos o local do almoço. E, devagar, seguimos a pé, já que próxima estava a Rua Grande, na sua parte final, o que nos proporcionava a oportunidade de percorrê-la por inteiro, cumprimentando os transeuntes e os que se encontravam debruçados nas janelas de suas residências, distraindo-se.

O percurso deu-se quase às carreiras. Dentro do possível, fui mostrando ponto por ponto da cidade, traduzindo sua importância, sua história e trazendo à tona personalidades de destaque, sem esquecer que entre elas havia alguns tipos pitorescos. Reuniam-se, habitualmente, no **Canto do Galo** e no **Canto Grande**. Tudo comentavam, inclusive da vida alheia, tema que, provavelmente, ocupava o primeiro lugar do repertório.

Bem, aos trancos e barrancos cumpri a maratona a que me propusera. Estávamos na Praça da Matriz. Após visitarmos a Igreja da Conceição, fomos almoçar no restaurante da **Maria Rita**, no Areal. Precisaria de dois dias, no mínimo, para fazer, com calma, o que pretendia, sem falar da vontade de repetir a tarira seca assada, o bagrinho cosido e a pescada frita, preparados por mãos de fada.

Atento, o meu carro parado, abri suas portas para meus irmãos se acomodarem e disse ao chofer que iniciasse a viagem de retorno a São Luís. Com saudades da casa do meu avô.

A HISTÓRIA DO GALO DO CANTO DO GALO

*José Pereira Gomes**

Quando me entendi - e isso lá vão mais de 70 anos - já encontrei o velho galo imponentemente colocado naquela esquina, na casa onde hoje se situa uma igreja evangélica. Nesse tempo, ali funcionava o comércio do Sr. Bernardino Araújo, sogro do maestro Miguel Dias.

Origem do galo - Segundo o velho Bernardino, que também já encontrara o galo ali, provavelmente a idéia teria sido obra de uns portugueses que haviam montado um comércio, naquele mesmo prédio, bem antes dele. O que significa dizer que o galo já se encontrava naquele canto há mais de um século.

Sabia-se que os portugueses tinham uma certa "veneração" pela figura daquela ave doméstica, pois o galo, além de representar a liderança masculina no terreiro, simbolizava igualmente a disposição e a energia para o trabalho. Cedo, a ave se colocava de pé e com seu canto agudo despertava os camponeses, dos pequenos vilarejos, para mais um dia árduo de trabalho. Em Portugal, era comum a fabricação artesanal da imagem do galo, para enfeite e adorno de residências e casas comerciais.

A deteriorização - Durante todo o período de minha infância/adolescência e mesmo depois de estudante universitário, em São Luís, quando retornava a Viana, nas férias, lá estava o velho galo, já bastante deteriorado pelo desgaste natural do tempo e pelo vandalismo de maus elementos. Ao retornarem de festas e serenatas, embriagados, alguns rapazes costumavam praticar "tiro ao alvo" na indefesa ave. Nessa época, a casa já se tornara morada do Jorrimar Pinheiro e de sua esposa, a professora Santoca Gomes, que mantinha também ali a "Escola Dr. Castro Maia".

1º roubo - Em 1946, quando gozava férias em Viana, a cidade amanheceu, certo dia, misteriosamente sem seu galo. No local, ficou apenas o pedal de ferro. Depois de alguns meses, o conhecido Paulo Coelho, funcionário dos Correios e Telégrafos, apareceu com o galo todo restaurado e com nova pintura. Todos entenderam que tinha sido ele o autor do "furto", motivado por nobre intenção. Paulo Coelho era festeiro e logo organizou uma farra com passeata, banda de música e muitos foguetes, para recolocação do galo em seu lugar de origem.

2º roubo - Em 1962, quando já era prefeito da cidade, o galo sumiu novamente. Desta vez ninguém deu notícias de seu paradeiro. O tempo passava e nada da imagem reaparecer. É verdade que o galo original era feio e ficara com um aspecto pior, depois de todo emassado e repintado pelo Paulo Coelho.

No ano seguinte, ao me ouvir lamentar pelo desaparecimento do galo (que acompanhara toda minha trajetória de vida e, portanto, tinha um significado especial para mim), Luciano Machado, o popular Sissi Machado, excelente ferreiro e um artista de mão cheia, prometeu-me confeccionar um novo galo, em troca de um aparelho de rádio.

O novo galo - Meses depois, Sissi me apareceu com sua obra de arte. O novo galo, todo feito de zinco, era bem mais bonito que o primeiro. Dei o rádio a Sissi e, todo satisfeito, coloquei o galo na minha sala. Nesse tempo, eu já residia próximo do Canto do Galo, mais ou menos onde hoje funciona a Câmara Municipal. Depois de algumas semanas, ante a insistência do Jorrimar Pinheiro, concordei em colocar o galo na esquina em substituição ao original. Em troca, ele me presenteou com um *Regulator,* um antigo relógio de parede de sua propriedade, que eu já namorava há muito tempo.

Assim, no ano de 1963, colocamos o novo galo no velho poleiro, para continuar ali sua vigília secular, acompanhando o crescimento da cidade e a passagem de incontáveis gerações de vianenses. Na década de 80, com a venda do velho casarão e a construção da igreja evangélica, a estatueta do galo foi colocada no prédio em frente, atual sede da Biblioteca Municipal de Viana.

Numa cidade quase sem memória como Viana, com uma população que ainda não aprendeu a valorizar e respeitar seu passado, rogo a Deus que as novas gerações e os novos administradores saibam compreender o significado histórico daquela esquina e não permitam nunca a destruição do galo ou mesmo sua retirada daquele local.

**Titular da Cadeira nº 7 da AVL . Promotor público aposentado. Foi prefeito de Viana de 1961/ 1966.*

Reivindicações Culturais

No intuito de restaurar a identidade cultural de Viana, vítima de tantas depredações, passaremos a expor, neste jornal, nossas reivindicações, dirigidas principalmente aos senhores vereadores e ao senhor Prefeito Municipal.

Dessa forma, propomos:

1. A substituição das placas nominativas das ruas por novas placas de melhor qualidade estética e visual;
2. O retorno da largura original das calçadas das Ruas Antônio Lopes, Coronel Campelo, Cônego Hemetério e transversais, nos mesmos padrões antigos, estabelecendo-se definitivamente o sistema de mão única para o trânsito de veículos;
3. Aprovação de lei municipal que proíba a cobertura asfáltica das pedras e paralelepípedos das principais ruas que compõem o centro histórico da cidade, mais precisamente a Antônio Lopes, Coronel Campelo, Cônego Hemetério e adjacências;
4. A designação de logradouros públicos com os nomes dos vianenses Astolfo Serra (padre, escritor, historiador e interventor do Maranhão), Manuel Lopes da Cunha (pai dos irmãos Antônio e Raimundo Lopes e também Governador do Estado) e Raimundo Lopes (escritor, etnógrafo, arqueólogo e historiador);
5. A edificação de um monumento na Praça da Prefeitura para, como se fosse um Pantheon, homenagear os vultos ilustres de Viana;
6. A volta da exposição permanente, em local apropriado, dos sinos da Igreja Matriz, verdadeiras relíquias históricas, atualmente esquecidos no Palácio Episcopal.